

Psicanálise e racismo¹

Uma abordagem teórico-clínica: desafios para o psicanalista do século 21

Carolina Cavalcanti Henriques,² Recife

Resumo: Este artigo trata de uma reflexão sobre a importância do psicanalista no atendimento ao paciente negro que enfrenta, constantemente, trauma e violência, como pedra de toque no seu cotidiano. O abuso do racismo infligido pelo branco é praticado em solo brasileiro de forma desmedida. Há uma impiedosa tendência em minar a identidade do negro, excluindo-o das normas psicossomáticas, pela classe dominante branca ou por aqueles que se definem como tal. Considera-se de extrema importância o aporte que a psicanálise tem a oferecer, não só para a elaboração do trauma, mas como possibilidade de um espaço de fala e escuta para o trabalho de luto. Considera-se um verdadeiro desafio para o psicanalista poder acompanhar os traumas e abusos infligidos ao negro, historicamente abusado e maltratado com a dor e a desesperança. Um trauma instaurado na pele.

Palavras-chave: trauma, psicossomática/psicanalítica, corpo/pele, racismo estrutural, fronteira

1 Este artigo tem base em reunião científica da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE), com comentários de Ignácio A. Paim Filho (2020); e na palestra proferida no Núcleo Psicanalítico de Maceió (2022).

2 Membro efetivo, didata e presidente da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE). Mestre em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

A representação do corpo: a pele como fronteira no sofrimento e na segregação racial

A participação do psicanalista no trabalho compartilhado, enriquece e favorece um mergulho para além das fronteiras, nos dizem Ramirez, Assadi e Dunker no livro *A pele como litoral* (2011). Seguindo esse pensamento, destacamos que o trabalho da psicossomática psicanalítica, na relação com os profissionais médicos, aumenta a produção de um trabalho compartilhado, amplificando os cuidados e um olhar escópico no entrelace das áreas em que a doença é apresentada pelo paciente. Dessa forma, ampliaremos o campo de compreensão do sofrimento dos pacientes para além das fronteiras. Se há fronteiras entre ambas as clínicas, há litoral. O litoral expande, favorecendo, necessariamente, o escoamento para o campo da cultura e das segregações.

Nessa articulação apostamos em novas possibilidades de ganhos para os nossos pacientes. Poderíamos falar sobre cartografia do corpo? Penso que sim, esse lugar que o corpo ocupa no nosso imaginário e no real social encena possibilidades para recorrermos, também, aos poetas e compositores que com suas habilidades sensíveis cantam e encantam nossas almas (Rolnik & Guattari, 2006).

Ao realçarmos o estudo da pele como envelope do corpo, estamos dando destaque à consciência do saber envelopar o mundo psíquico. Essa é a teoria que retiramos do livro *O eu-pele* (Anzieu, 1988) em que encontramos as bases desse modelo proposto pelo autor.

Sair do binarismo branco/negro cria uma desconstrução do instituído e torna mais complexa nossa percepção sobre a realidade humana. Convoca-nos a lidar com uma realidade que sempre existiu, mas historicamente atacada com exclusão e violência. O que mais nos indigna é sabermos da contínua discriminação dessa realidade sociocultural do negro, em que o racismo estrutural continua instaurado e entranhado no inconsciente de cada um de nós, brancos e até negros. Não há espaços nas sociedades e instituições psicanalíticas que possam ser ocupados por pessoas de pele negra ou de outras etnias, como índios, povos refugiados, transgêneros etc.

Na quarta capa do livro *A cor do inconsciente: significações do corpo negro* (2021) temos a seguinte citação:

É cavando fundo nas neuroses nossas de cada dia que ... expõe as raízes do racismo entranhado e que, apequenando os indivíduos que o sofrem, amesquinha os que o exercem – e envenenam o país. (Nogueira, 2021, quarta capa)

Para a compreensão da afirmação supracitada, proponho a utilização das ferramentas da psicanálise, com o objetivo de compreendermos a importância de utilizá-las no trabalho do enraizamento do racismo estrutural, de nosso lugar de “escuta(dor)” do sofrimento humano. É importante perceber que muitas vezes não somente habitamos esse lugar de fala, como negamos esse espaço de escuta, como se o racismo não existisse em nós brancos, cis, psicanalistas e héteros, e ter cautela para não arbitrarmos, tal e qual as sociedades e políticas fascistas, a instituição em que fomos formados e somos partícipes desse precipitado de comportamento negacionista e perverso.

Caso clínico

Maria de Jesus nascida em regiões deslocadas de Recife me procurou há alguns anos, com acentuadas queixas na sua vida. Uma executiva selecionada com destaque para o cargo ocupado na ocasião. Sua liberdade de transitar com a sua competência profissional foi, aos poucos, retirada. Ao ser excluída e relegada, suas asas foram cortadas e apresentava sintomas de angústia, melancolia, depressão, insônia, psoríase e manchas brancas. Foi diagnosticada como vitiligo, seu corpo escancarava as marcas do sofrimento, incapacitando-a de uma vida livre, até ter sua rica subjetividade minada. A seguir, destaco alguns retalhos clínicos, desde o período das entrevistas iniciais e alguns fragmentos relevantes no processo de Maria de Jesus. Procurei dar ênfase aos momentos que chamo de gatilhos psicossomáticos que se agregam ao quadro da melancolia da paciente.

Entrevista inicial (momento do primeiro encontro)

Maria de Jesus chegou 40 minutos antes do horário marcado.

MJ – Carolina, relutei muito em largar o meu trabalho e vir para Recife. Fui intensamente “seduzida”, para fazer essa mudança. Seu nome foi indicado pelo analista, de um dos três melhores amigos, lá de São Paulo. Sou de poucos amigos, esses dois são casados e a Luiza é amiga há vários anos, desde tempos de faculdade. Aqui pensava ser mais fácil fazer amigos, já que imaginava haver menos preconceito de cor. A praia, o sol, o clima me atraíam, gerando uma ilusão, sei lá... o nordeste ensolarado, a Bahia, enfim, pessoas diferentes do meu convívio em São Paulo. Talvez a minha vida se resumisse ao trabalho, muitas vezes, até 12 horas na empresa. Finais de semana na casa desses meus amigos e/ou na cidade em que nasci na grande São Paulo. As diversões costumeiras são: cinema, teatro, duas relações duradouras, porém, instáveis, não quis filhos e a minha vida se resume a trabalho. Aqui, nem para ir à minha casa encontrei alguém. As pessoas são muito fechadas em Recife. (Não durmo mais, o meu coração dispara, e final de semana... cama. Choro demais, muito arrependida da mudança que fiz. Voltar para São Paulo, é quase impossível. Aos 45 anos o nível da função que eu ocupava e salário que ganhava, é difícil recuperar. Aqui, a violência e discriminação que sofro no trabalho, é indizível. É como se eu não existisse, não tivesse voz nas reuniões sistemáticas que fazemos na empresa. (Chora muito, silencia...) É um desafio diário, acordar e ir para o trabalho... não sei mais o que fazer.

A – Mediante os aspectos que você acaba de me falar, enquanto lhe ouvia, pensava o que podia te dizer frente à expressiva solidão que você me apresenta. Imagino que diante da referência que lhe foi dada, você tem uma expectativa que eu possa acolhê-la em minha terra.

MJ – Sim... muita esperança diante desse estado de desânimo que beira o abandono... Eu não deveria ter confiado nesse meu chefe! Mas Carolina, a quantidade de vezes e os telefonemas insistentes, para que eu aceitasse o convite de pedir demissão, e vir para um lugar bem melhor, seguro, e garantido, não sei lhe dizer o montante. Meu salário aumentou, principalmente,

porque aqui eu tinha o aluguel incluído, carro à disposição e exerceria uma função diferenciada. Mas isso não pesava tanto na minha decisão. O fato mais importante, era o lugar, o Nordeste, a praia, esses fatores me entusiasmavam muito mais, por me sentir inserida numa cultura onde o negro fosse menos discriminado. São Paulo é um horror! E na minha empresa... o racismo era insuportável. Mesmo que já trabalhasse lá há muito tempo, não havia um único dia sequer, que eu passasse sem receber um olhar ou um comentário depreciativo. Aqui... tá muito pior, penso que estou ficando louca... sem os meus três amigos...

Convite a uma breve travessia teórica do caso

Desesperança. Essa percepção por mim sentida se expressava pelo tom de voz queixoso de sua vida, banhado de uma grande tristeza e de um profundo ressentimento das pessoas. É como se ela não pudesse acreditar em mais ninguém, em virtude da violência sofrida em decorrência do



Figura 1
Fonte: Depositphotos

racismo, ao longo de toda sua história. Desde pequena, sente-se diferente e excluída pelos coleguinhas da rua e da cidade, e as experiências eram contadas numa narrativa de assombro.

Além dos sintomas que a acometeram, decorrentes da exclusão sofrida, ao longo de sua história, MJ nos chega em um momento de impasse, lutando sempre para decidir entre a liberdade e a servidão, entre a possibilidade de existir por si ou se alienar no projeto dos outros. Desfilam diante de nós a violência, a dor, o sofrimento cru, desamparado e irrepresentável das vivências indizíveis das desorganizações psicossomáticas, dos comportamentos de risco e do esfacelamento dos laços sociais que convocam a nossa clínica para encontros e, muitas vezes, não sabemos aonde vamos chegar.

Gostaria de introduzir aqui, à guisa dos estudos freudianos a respeito dos ruídos potentes dos sintomas psicossomáticos, os possíveis destinos pulsionais daquilo que só foi ligado como marca mnêmica incipiente, ou seja, que muitas vezes nem mesmo foi representado no psiquismo. Paim Filho (2020) sinaliza esse conceito em seu trabalho “Complacência somática – uma estranha condição entre o corpo biológico e o corpo pulsional” e nos esclarece sobre os tais destinos:

entre o corpo biológico (território dos instintos) e o corpo pulsional (território da pulsão de morte e de Eros), tomando por interlocutor o conceito freudiano de complacência somática. Esse que tem seu nascimento estreitamente vinculado com a histeria. ... expandindo sua vigência a todas as estruturas psíquicas. Para isso vai trabalhar sua presença no corpo histérico, no corpo hipocondríaco e no corpo psicossomático... buscando construir uma ponte entre a concepção freudiana de neurose atual – angústia sem conteúdo, com a pulsão de morte – pura intensidade, ambas tendo o corpo como escoador privilegiado. (2020, p. 11)

Com base nessa construção, percebemos que a escolha do órgão, não é por acaso, significa que as inscrições psíquicas circulam por meio de impressões, traços e representações, cada uma dessas estruturas anímicas

atende a uma dupla direção, entre o somático e o psíquico, tendo o inconsciente como modelo mediador.

Quando a pulsão ascende ao mundo psíquico do inconsciente não recalcado é acometida por um excesso que se descarrega no corpo, ou seja, a pulsão sofre um efeito disruptivo de desligamento. Freud (1920/1997) nos apresentou tal construção na metapsicologia da segunda tópica, com base em uma nova dualidade pulsional, a saber, pulsão de vida (Eros) e pulsão de morte (Tânatos). Os efeitos dos sofrimentos psíquicos, sofridos pelos traumas cumulativos na vida de Maria de Jesus desembocaram não somente no psiquismo, mas transbordaram em seu corpo como expressão de um conteúdo pulsional excessivo e traumático, lesando sua pele com manchas de vitiligo.

No caso dessa paciente, as afecções na pele e o aparecimento de vitiligo e psoríase chamou a atenção. A pele, esse órgão que faz fronteira (Anzieu, 1988) com o interno e o externo, “o trabalho do negativo” (Green, 2010) e o conceito de pacientes limítrofes trazem contribuições essenciais para explorarmos e pensarmos as especificidades dessas relações, principalmente no entrelaçamento com áreas específicas da medicina.

A proposta neste trabalho não é discorrer sobre dinâmica transferência/contratransferência do que ocorreu no setting psicanalítico nesse caso. Para entender a dor que habita o drama de um corpo negro podemos fazer um paralelo com o que se passa na melancolia. Prisioneiros de si mesmo, em busca de um olhar próprio, autotransformador, construído em parceria na relação com o outro, desde que este outro esteja implicado no processo de racialização. As instituições devem reconhecer o lugar de voz e legitimar esse lugar com uma espécie de rede protetora, um modelo de espaço de aquilombamento. O objetivo, já destacado inicialmente, é apontar algumas consequências psíquicas observadas através da intolerância e negação da alteridade no agenciamento da subjetividade do sujeito negro contemporâneo. Um olhar sempre negado.

A seguir, apresento as duras palavras de uma dor/grito no poema de Vitória Santa Cruz, enlaçando-nos nesse emaranhado de situações para assumir a dor e o mal-estar que ela, como tantos outros, vive no cotidiano.

No poema as vozes ecoam de uma pessoa que possui uma pele negra.

Me gritaram negra

Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos, Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua me gritaram Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse SIM!
“Que coisa é ser negra?” Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia. Negra!
E me senti negra, Negra!
Como eles diziam Negra! E retrocedi Negra!
Como eles queriam Negra!
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos
e mirei apenada minha carne tostada
E retrocedi Negra! E retrocedi...

Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!

E passava o tempo, e sempre amargurada
Continuava levando nas minhas costas minha pesada carga,
e como pesava!...
Alisei o cabelo, Passei pó na cara,
e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra

Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Neeegra!
Até que um dia que retrocedia,

retrocedia e que ia cair
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra! Negra!
Negra! Negra! Negra!
E daí? E daí? Negra! Sim, Negra! Sou
Negra! Negra! Negra! Negra sou
Negra! Sim Negra! Sou
Negra! Negra! Negra! Negra sou

De hoje em diante não quero
alisar meu cabelo Não quero
E vou rir daqueles, que por evitar – segundo eles –
que por evitar-nos algum disabor
Chamam aos negros de gente de cor
E de que cor! NEGRA
E como soa lindo! NEGRO
E que ritmo tem!
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro Negro
Negro Negro Negro

Afinal, Afinal compreendi, AFINAL, Já não retrocedo
AFINAL, E avanço segura
AFINAL, Avanço e espero
AFINAL, E bendigo aos céus porque quis Deus
que negro azeviche fosse minha cor
E já compreendi, AFINAL Já tenho a chave!

NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO

NEGRO NEGRO

Negra sou!”.

(Santa Cruz, 2013)

Apresentação sobre o tema através do samba-enredo da Mangueira

Nada mais justo do que considerar a atuação do artista, poeta e compositor, ao trazer parte de um samba-enredo para melhor compreensão de um trabalho clínico, elaborado pelo psicanalista no dia a dia com seu paciente. É quando a arte enriquece o mundo psíquico, dando voz e força ao analista no trabalho com seu analisando.

Freud, em “O poeta e o fantasiar” (1908/2015), destaca o material da literatura quando faz uma reflexão sobre a fonte da fantasia, retira a semelhança do brincar do bebê e da criança com o processo de criação de um poeta. Para que serve, afinal, criar mundos de sonhos? Dentro da ampla pesquisa freudiana sobre a psique, no contexto dos desejos, a fantasia se torna, então, matéria de estudo. Freud (1908/2015) nos abre a percepção para um dos mais relevantes papéis da literatura: fantasiar é uma forma de manter vivo o sonho! Ou seja, o sonho está para o sono assim como a fantasia está para a realidade.

Freud propõe uma análise da atividade poética quando nos diz: “Em todo o homem se esconde um poeta e o último poeta só morrerá com o último homem” (Freud, 1908/2015).

Com base nesse breve recorte do trabalho supracitado, apresento parte da composição do samba enredo *A verdade vos fará livre*, da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira (2019).

Eu sou da Estação Primeira de Nazaré

Rosto negro, sangue índio, corpo de mulher

Moleque pelintra no Buraco Quente

Meu nome é Jesus da Gente.

(Doutores em Carnaval, 2020)

A explicação para a estrofe acima é dada no texto dos Doutores em Carnaval (2020) na apresentação do samba-enredo.³

Para cada situação de revolta sentida por esse povo sofrido, lutei para trazer uma leitura e tentar ser uma humilde escritora criativa do meu lugar de psicanalista, com os instrumentos e ferramentas que pudessem entrelaçar e denunciar as Marias de Jesus e os Jesus Cristos, na tentativa de dar voz e consistência ao nosso racismo estrutural.

Seja em Freud na psicanálise, seja nas contribuições da psicossomática psicanalítica ou nos poetas e compositores, nossa luta é evitar a banalização da violência sofrida há tempos infindáveis, e buscar um olhar e uma escuta na tentativa de reparar um dano/dívida impagável.

“Escuta, Branco!” (Fanon, 1970), essa frase inspirou Jurandir Freire a nos convocar na mesma tonalidade, peço licença para parafraseá-lo e finalizar com a abertura e o reverberar de novas trocas, reproduzo a voz que ecoou em um grito retumbante que Freire nos fez ouvir: “Escuta, Psicanalistas!” (2002).

Psicoanálisis y racismo – un abordaje teórico-clínico: desafíos para el psicoanalista del siglo 21

Resumen: Este artículo trata de una reflexión sobre la importancia del psicoanalista en el cuidado de pacientes negros que constantemente enfrentan traumas y violencia, como piedra de toque en su cotidiano. El abuso del racismo infligido por los blancos se practica en suelo brasileño de forma desmesurada. Existe una tendencia despiadada a socavar la identidad de la persona negra, excluyéndola de las normas psicossomáticas, por parte de la clase dirigente blanca o de quienes se definen como tales. Se considera de suma importancia el aporte que el psicoanálisis tiene para ofrecer, no sólo para la elaboración del trauma, sino como posibilidad de un espacio de palabra y escucha para el trabajo del duelo. Se considera un verdadero desafío para el psicoanalista poder acompañar los traumas y abusos infligidos a las

3 <https://www.youtube.com/watch?v=F38rLjD3nKk&t=13s>

personas negras, históricamente abusadas y maltratadas con dolor y desesperanza. Un trauma establecido en la piel.

Palabras clave: trauma, psicossomático/psicoanalítico, cuerpo/piel, racismo estructural, borde

Psychoanalysis and racism – a theoretical-clinical approach: challenges for the 21st century psychoanalyst

Abstract: This paper deals with a reflection on the importance of the psychoanalyst in the care of black patients who constantly face trauma and violence, as a touchstone in their daily lives. The abuse of racism inflicted by whites is practiced on Brazilian soil in an unmeasured way. There is a ruthless tendency to undermine the identity of black people, excluding them from psychosomatic norms, by the white ruling class or by those who define themselves as such. It is considered extremely important the contribution that psychoanalysis has to offer, not only for the elaboration of the trauma, but as a possibility of a space of speech and listening for the work of mourning. It is considered a real challenge for the psychoanalyst to be able to follow the traumas and abuses inflicted on black people, historically abused and mistreated with pain and hopelessness. A trauma established in the skin.

Keywords: trauma, psychosomatic/psychoanalytic, body/skin, structural racism, border

Referências

- Almeida, J. F. (1995). *A Bíblia Sagrada revista e corrigida*. Sociedade Bíblica do Brasil.
- Anzieu, S. F. (1988). *O eu-pele*. Casa do Psicólogo.
- Aragão, H. H. R.; Assadi, T. C. & Dunker, C. I. L. (Orgs.) (2011). *A pele como litoral*. Annablume.
- Doutores em carnaval (2020). *Mangueira 2020 – análise do samba enredo*. <https://www.youtube.com/watch?v=F38rLjD3nKk&t=13s>

- Estação Primeira de Mangueira. (2019). *Samba-Enredo 2020 – a verdade vos fará livre*.
<https://www.letras.mus.br/mangueira-rj/samba-enredo-2020-a-verdade-vos-fara-livre/>
- Fanon, F. (1970). *Escuta, Branco*. Nova Terra.
- Freire, J. (2002). Prefácio. In N. S. Souza, *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Graal.
- Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. In S. Freud, *Arte, literatura e os artistas* (E. Chaves, Trad.). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (1997). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. Artmed.
- Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. Perspectiva.
- Paim Filho, I. A. (2020). Complacência somática – uma estranha condição entre e corpo biológico e o corpo pulsional. In G. J. B. Moura, A. C. Zuanella, S. P. Sampaio & J. F. S. Barros (Orgs). *Revista Refletindo a Psicanálise*, 2(1). Edufrpe. <http://spr-pe.org.br/livro.pdf>
- Rolnik, S. & Guattari, F. (2006). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Brasiliense.
- Santa Cruz, V. S. (2013). *Gritaram-me negra*. In: Canal lide uff. 27 de ago. 2013. Music MGP, 03min e 20s. <https://www.youtube.com/watch?v=RljSb7AyPc0>.

Carolina Cavalcanti Henriques
carolhenripsi@gmail.com